

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte Folha de São Paulo

Class.: 279

Data 26 de março de 1979

Pg.: _____

FSP

26.3.79

Funai proíbe a Igreja de entrar em áreas indígenas

MANAUS (Correspondente) — Por "ordens de Brasília", o delegado regional da Funai proibiu "terminantemente" a participação de índios em reuniões promovidas pela Igreja e o ingresso de qualquer missionário da Prelazia de Roraima e da Regional Norte 1 do Cimi, em áreas indígenas.

A decisão, se realmente cumprida, afetará a metade da população de Roraima composta de índios e desativará todo o serviço missionário com consequências de proporções semelhantes às da expulsão dos jesuítas da Amazônia em 1759.

O bispo prelado de Roraima, dom Aldo Mogliano, escreveu uma carta aberta ao presidente da Funai, lida em todas as paróquias durante o tempo da Quaresma, onde denuncia a medida como "extremamente injusta e arbitrária", como um "desaforo mesquinho", que só vem servir aos interesses dos latifundiários e dos fazendeiros que oprimem os índios.

A PROIBIÇÃO

Tudo começou com uma carta semi-sigilosa do delegado regional, Dinarte Nobre de Madeiro, datada de 6 de fevereiro último, dirigida ao bispo prelado de Roraima, onde ele comunica que "de ordem superior está terminantemente proibido o ingresso de qualquer missionário dessa prelaia e da Regional Norte 1 do Cimi em áreas indígenas de malocas neste território, bem como a participação de índios em reuniões programadas por ambas organizações".

Dom Aldo Mogliano respondeu com outra carta, também confidencial onde ele solicita que seja transmitida na íntegra esta "ordem superior", já que o ato acarreta consequências para a Igreja Católica no Brasil.

O delegado replicou, esclarecendo num segundo ofício que as instruções recebidas "foram emanadas de nossa administração geral em Brasília". Acrescentou, de forma nada polida, que para "qualquer esclarecimento a respeito, poderá V. Revma. se dirigir àquela administração".

SEM RESPOSTA

Diante da falta de cortesia e informação, o bispo d. Aldo, em carta-documento de 5 páginas e aproximadamente 2.200 palavras dirigida ao presidente da Funai em 20 de fevereiro, fez uma análise da situação dos índios da região, rechaçou a proibição, denunciou a Funai por colocar-se ao lado dos fazendeiros reprimindo os índios em lugar de defendê-los; como não obtivesse resposta, resolveu tornar público, e neste momento a carta está sendo lida com uma Pastoral, no tempo da Quaresma, em todas as Igrejas de Roraima.

Depois de considerar a medida como "injusta, arbitrária e mesquinha, sem nenhuma base jurídica, pois nem aparece a assinatura do funcionário responsável de Brasília", o bispo considera a atitude tomada pela Funai como completamente descabida, denunciando: "Prejudicados são unicamente os índios, vítimas mais uma vez de dominação que a sociedade exerce sobre eles".

"Na maloca da Cachoeirinha, vi com os meus olhos um lote de bois fazer diariamente o seu pernoite junto às casas e de dia roer impledosamente tudo o que pode aparecer, até as folhas dos três coqueiros da Bahia, que lutam para sobreviver às investidas do gado. Até as mulheres que se afadigam nos trabalhos de casa têm de estar constantemente de vara na mão para se defender do boi que tenta

comer até a farinha que tiraram do tipiti", diz o bispo.

Segundo dom Aldo, a Funai, diante desta situação, em vez de defender os índios, se coloca ao lado do fazendeiro e ilude as populações indígenas divulgando nos jornais que demarcou terras, quando isto não acontece de fato.

Para dom Aldo, a própria demarcação das terras indígenas está sendo usada em Roraima para defender os interesses dos latifundiários. Ele dá um exemplo do que ocorre no norte de Roraima. "Alegando que a demarcação está próxima, foi proibido ao índio fazer qualquer benfeitoria fora da estrita área da maloca, mas ao mesmo tempo o fazendeiro plantou e ampliou os cercados, ocupou matas e lavrados, desde longa data considerados dos índios, e botecos têm surgido onde se vende cachaca", diz o bispo.

O bispo descreve então a atuação dos missionários: "Os missionários desta prelaia não se contentam de afirmar que a situação é insupportável. Eles tomaram a decisão de dar aos índios a confiança em si próprio, de os convencer de que podem e devem defender os seus direitos e sua dignidade. Repetem a eles que lhes pertencem as terras, que para elas devem lutar contra uma sociedade que os observa fria e insensivelmente, onde infelizmente não podem contar com muitos e verdadeiros aliados, que seus problemas terão que ser resolvidos por eles próprios, que qualquer atitude paternalista de terceiros é contra-producente, se neles não estiver a determinação e a firme convicção de poder sair de sua situação, superando o medo, as ameaças, a força dos mais espertos e gananciosos que os rodelam. Ensinam que eles devem assumir a sua responsabilidade".